

ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA DA MUDANÇA EM TEMPO APARENTE: ANÁLISE DE UM CASO EM FLORIANÓPOLIS (SC)

ABSTRACT: In this paper I deal with the function I designate “retroactive-propeller seqüenciation”, which is responsible for establish a link between a past statement and a future one. In Florianópolis (SC), the sequenciation link is especially codified by the sequence connectors E, AÍ, DAÍ and ENTÃO. In a sociofunctionalism approach (combination of theoretical presuppositions of Variacionist Sociolinguistics and of Linguistic Functionalism), I analyze these items of speech sequence as layerings/variants, trying to verify how they are distributed in different age groups in Florianópolis. The age distributions obtained allow two explanations: (i) age-grading stable variation, where de individual changes but the community remains constant; (ii) generational change in progress, where the individual preserves his or her earlier pattern, but the community as a whole changes.

KEY-WORDS: Retroactive-propeller seqüenciation; apparent time change.

1 Introdução

Focalizo itens lingüísticos que atuam no âmbito discursivo como conectores – *e, aí, daí e então*. Grande parte dos papéis que esses conectores desempenham estão vinculados ao domínio funcional que denominei *seqüenciação retroativo-propulsora*, responsável por estabelecer uma relação coesiva entre um enunciado passado e um futuro, indicando que este será introduzido em continuidade e consonância com aquele. É o que tento apreender com a expressão *retroativo-propulsora*: os movimentos simultâneos de retroagir – conduzindo a atenção do interlocutor para trás no discurso – e de propulsionar – conduzindo a atenção do interlocutor para a frente, para a continuidade do discurso. Vejam-se alguns exemplos:

(1) Quer dizer, descia de táxi e levava até lá. E era combinado assim: ele ia nos buscar às cinco horas. Se chovesse, que não dava pra descer o morro, ele

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ficava lá em cima no morro **e** fazia sinal com o farol, **aí** a gente subia o morro com aquelas tralhas todas (ZO/FLP24:1258).¹

(2) Ela tava assim fazendo um barulhinho, esse barulhinho é quando ela chora, **então** tu vai dando uma coisa. **Daí** foi doendo a perna, que a minha prima jogou, **aí** bateu nela (FR/FLP02C:42).

(3) **Então** tu vê, o pai voltou a nada. **E** o meu avô era tratorista da prefeitura há muito tempo. Se aposentou pela prefeitura. **Então** ele ensinou a profissão de tratorista pro pai. **Aí** o pai começou trabalhar como tratorista **e** começou a levantar tudo novamente (IR/FLP13:756).

Cada um dos conectores destacados nos exemplos acima aponta para o enunciado anterior ressaltando que ele se relacionará com algo que aparecerá a seguir, e, assim, criando a expectativa desse aparecimento e instigando a procura por relações semântico-pragmáticas entre as informações interligadas.²

E, aí, daí e então são opções bastante recorrentes dentre as atualmente disponíveis na gramática da comunidade de fala de Florianópolis, sendo postos variavelmente em funcionamento quando há a necessidade de marcar a seqüenciação.³ Encontrei inclusive casos de uso muito semelhantes, como os seguintes, envolvendo verbos dicendi:

(4) **Aí** ele viu que não tinha mais jeito, ficamos naquele (hes) **E** ele: “Vou ficar.” “Não, tu não vais ficar.” **E** ele disse: “Eu não vou” (RO/FLP03:735).

(5) Ela falou: “Ah, vai ser menino e o nome vai ser Mateus.” **Aí** eu disse assim: “Então, se for menina, tu bota o nome de Bárbara, porque eu gosto” (DE/FLP06J:552) (5).

(6) **Daí** ela diz: “Ah, vai fazer deveres.” “Não tem deveres.” **Daí** ela diz: “Ah, que escola é essa que nunca tem deveres, professor nunca passa deveres?” (DE/FLP06J:188).

(7) A pessoa já está vendo que terminou, então vai na pessoa que é encarregada, **então** diz a ela: “Está faltando uma caixa de tomate” (ID/FLP07:469).

¹ O código que segue o trecho da entrevista a identifica. Por exemplo, (ZO/FLP24:1258) = informante ZO, natural de Florianópolis (FLP), entrevista número 24, linha 1258. Quando há uma letra após o número da entrevista, temos J = informante de 15 a 21 anos, ou C = informante de 09 a 12 anos.

² Identifiquei cinco subfunções de natureza semântico-pragmática vinculadas à seqüenciação retroativo-propulsora (seqüenciação textual, seqüenciação temporal, introdução de efeito, retomada e finalização), que não são ora apresentadas por questão de espaço. *E, aí, daí e então* são utilizados variavelmente em todas essas subfunções (resultados quantitativos podem ser conferidos em Tavares, 2003a).

³ Há ainda outros seqüenciadores, porém de frequência bastante menor, como o *depois*.

E adentrou o português já na função de conector, oriundo da conjunção latina *et*. *Então* também já era utilizado como marca da seqüenciação nos primórdios da língua portuguesa (séculos XIII e XIV). Quanto a *aí* e a *daí*, é provável que seus usos seqüenciadores tenham surgido apenas em língua portuguesa e em tempos recentes, pois, em um estudo anterior, tendo como fonte diversos textos do século XIII ao XX, obtive os primeiros dados do *aí* apenas em textos escritos em português brasileiro a partir da primeira metade do século XX, e do *daí* somente a partir da segunda metade desse século (cf. TAVARES, 2003a). Além disso, em outro estudo, comparando os domínios da seqüenciação na fala do português brasileiro e do português europeu, não localizei nenhum dado do *aí* e do *daí* na fala portuguesa, o que é forte indício de que se desenvolveram apenas no português brasileiro (TAVARES, 2003b).

Provenientes de fontes distintas e em épocas distintas, *e*, *aí*, *daí* e *então* chegaram à seqüenciação através da gramaticalização (processo de criação e re-criação constante da gramática).⁴ Cada conector recém-chegado passou a conviver e a competir por espaço com os demais, provavelmente ocasionando alterações quanto à distribuição do território pertinente ao domínio. Em Florianópolis, *daí*, o seqüenciador mais recente, é muito freqüente na fala de adolescentes e pré-adolescentes (fenômeno facilmente perceptível tanto pelos habitantes da cidade quanto por quem vem de fora), o que permite considerar que seja uma marca identitária dos falantes mais jovens da comunidade. Mais ainda: é possível levantar a hipótese de que uma mudança esteja em andamento no domínio funcional em tela, na direção de uma maior recorrência de uso do *daí* por gerações cada vez mais jovens, em detrimento dos demais seqüenciadores.

Assim, unindo pressupostos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972a/b, 1994, 2001) e do funcionalismo lingüístico norte-americano (HOPPER, 1987, 1991; BYBEE; HOPPER, 2001; GIVÓN, 1995, 2001), em uma abordagem que pode ser dita sociofuncionalista (NEVES, 1999; TAVARES, 2003a), tomo *e*, *aí*, *daí* e *então* como camadas/variantes da seqüenciação florianopolitana, verificando como eles se distribuem relativamente a diferentes micro-cosmos etários da comunidade. Analiso os resultados quantitativos obtidos à luz de duas possibilidades explanatórias, a de gradação etária estável e a de mudança em tempo aparente. Em especial, considero, em relação a esta última, reformulações recentes levadas a cabo no seio da sociolinguística variacionista (LABOV, 2001), e discuto implicações dessas reformulações relativamente ao caso em estudo.

Para a realização desta pesquisa, considero as ocorrências da seqüenciação retroativo-propulsora na segunda metade de quarenta e oito entrevistas de informantes nativos de Florianópolis (cerca de trinta minutos de

⁴ Tavares (2003a) descreve com detalhe possíveis trajetórias de gramaticalização seguidas por cada uma das formas em questão até se tornarem seqüenciadores.

fala de cada um), estratificados em quatro faixas etárias: de 09 a 12 anos, de 15 a 21 anos, de 25 a 45 anos e mais de 50 anos. O total de dados é de 4.300, com a seguinte distribuição: *e* = 1.790 (42%), *ai* = 926 (22%), *daí* = 890 (21%), *então* = 694 (16%). A fonte das entrevistas é o Banco de Dados do Projeto VARSUL/UFSC.⁵

O artigo está organizado do seguinte modo: inicialmente, apresento o referencial teórico; na seqüência, procedo à análise quantitativa e à discussão de questões pertinentes ao fenômeno focado; encerro com as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 Referencial teórico

Uma abordagem sociofuncionalista à mudança em tempo aparente como a adotada neste estudo encontra respaldo no fato de a sociolinguística variacionista e o funcionalismo linguístico norte-americano possuírem um certo número de postulados teórico-metodológicos comuns ou similares, alguns dos quais estão sintetizados no quadro a seguir:⁶

<ul style="list-style-type: none"> • O objeto de estudo é a <i>língua em uso</i>, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; GIVÓN, 1995).
<ul style="list-style-type: none"> • Os fenômenos linguísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem (cf. LABOV, 1972a/b; BYBEE; HOPPER, 2001).
<ul style="list-style-type: none"> • A língua está continuamente se movendo, mudando e interagindo (cf. HOPPER, 1987; GUY, 1995).
<ul style="list-style-type: none"> • A mudança espalha-se de forma gradual ao longo do espectro social, considerando-se fatores como região, geração, classe social, etc, sendo o aumento de frequência de uso compreendido como índice de difusão sociolinguística (cf. LABOV, 1972a/b, 2001; HOPPER; TRAUGOTT, 1993).
<ul style="list-style-type: none"> • É comum haver diferença de frequência de uso entre falantes mais velhos e mais jovens, no caso de mudança em progresso. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972a/b; LICHTENBERK, 1991; ANDROUSTOPOULOS, 1999).
<ul style="list-style-type: none"> • Fenômenos de mudança podem ser atestados através de tratamento empírico com quantificação estatística. (LABOV, 1994; GIVÓN, 1995).

Quadro 1: Postulados convergentes – sociolinguística variacionista e funcionalismo linguístico.

⁵ Variação Linguística Urbana da Região Sul.

⁶ Todos os postulados listados no Quadro 1 são mencionados e/ou discutidos por estudiosos variacionistas e funcionalistas em diversos trabalhos. Contudo, para cada postulado, cito apenas um ou dois trabalhos de cada um dos quadros teóricos (geralmente, os estudos pioneiros e/ou os que mais se destacam).

Embora este estudo busque inspiração em ambas as fontes teóricas, inclina-se em direção ao funcionalismo, ao assumir que a *função* a que serve a gramática é prioritária e determinante de seu uso pelos falantes. A gramática é “o agregado maleável e internalizado das formações vindas da língua em uso” – do discurso, das experiências com a interação lingüística que acumulamos durante a vida (BYBEE; HOPPER, 2001, p. 7). Trata-se de um processo em andamento, nunca chegando a constituir-se de fato, devido às constantes alterações a que está sujeito no discurso. O movimento de re-arranjo constante da gramática é denominado gramaticalização, definido como o processo de regularização gradual pelo qual um item lingüístico freqüentemente utilizado em contextos comunicativos particulares adquire função gramatical e pode, uma vez gramaticalizado, angariar ainda mais funções gramaticais (HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; BYBEE, 2003).⁷

A gramática coaduna domínios funcionais variados, cada um abarcando um conjunto de formas gramaticalizadas, isto é, de uso rotinizado na língua. Tais domínios podem corresponder a áreas funcionais gerais (ou macro-domínios) como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas (micro-domínios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, etc. (GIVÓN, 1984, 2001) As formas pertinentes a cada domínio são um conjunto de elementos “unificados funcionalmente” (NICHOLS, 1984, p. 111), isto é, que codificam o mesmo ou semelhante papel. Elas são consideradas *camadas* do domínio do qual fazem parte: formas alternantes de realização existentes em uma *relação de estratificação* na mesma etapa histórica de uma língua (HOPPER, 1991). Podemos dizer que as camadas representam *variantes lingüísticas* em um sentido próximo ao da sociolingüística variacionista, segundo a qual variantes são duas ou mais formas de mesmo significado passíveis de serem empregadas no mesmo contexto, em uma *relação de variação*.⁸ Combinando-se os termos, temos “camadas/variantes” e “estratificação/variação”.⁹

A gramaticalização está por trás do fenômeno de estratificação/variação:

⁷ Conferir em Tavares (2003a), com base em Labov (1972a/b, 1994 e 2001), as propostas da sociolingüística variacionista a respeito dos tópicos que foram comentados acima apenas do ponto de vista do funcionalismo.

⁸ As camadas/variantes, na proposta apresentada aqui, podem possuir ou não o mesmo significado, conquanto exibam a mesma *função*. Diferenças de significado que porventura existam podem ser descobertas e descritas via controle de grupos de fatores particulares.

⁹ É possível utilizar os termos de modo conjugado (por exemplo, *estratificação/variação*), ou optar por um deles, salientando-se que, no caso deste estudo, remetem ao mesmo fenômeno.

no decorrer de seu desenvolvimento, uma forma pode vir a migrar para um domínio funcional já codificado por outra forma. Nesse caso, surge um ponto de estratificação/variação, em que as formas passam a co-habitar como camadas/variantes. É o caso de *e*, *aí*, *daí* e *então*, que, como já comentado, tornaram-se marcas lingüísticas da seqüenciação retroativo-propulsora em épocas distintas. A hipótese é que, a cada novo conector recém-chegado, a distribuição (em termos de freqüência de uso) dos demais é alterada, pois surge mais uma forma para partilhar os espaços lingüísticos e sociais pertinentes ao domínio.

Como a seqüenciação conta com duas formas relativamente recentes, *aí* e *daí*, é possível que esteja em andamento atualmente uma mudança nos padrões de distribuição de suas camadas/variantes. Se for o caso, um estudo em tempo aparente pode revelar indícios dos rumos que estão sendo seguidos por cada forma: aumento de uso? diminuição de uso?

Mas o que é um estudo em tempo aparente? Vimos, no Quadro 1, que a sociolingüística e o funcionalismo prevêm a possibilidade de haver diferenças nos padrões de freqüência de uso entre falantes mais jovens e mais velhos quando uma mudança lingüística está em progresso. No seio da sociolingüística, Labov (1994) afirma que podemos perscrutar a mudança lingüística tanto em amostras do passado quanto no que ouvimos a nossa volta, pois a língua é constituída por variações e alterações que cruzam períodos de tempo. O quadro de inter-relações lingüísticas delineado hoje é reflexo dos usos anteriores dados a língua por seus usuários e é a base dos usos futuros, em um contínuo de pequenos incrementos inovadores levando a grandes mudanças. Sendo assim, os indícios de mudança lingüística podem ser buscados em estudos que envolvem dados de tempo real e/ou de tempo aparente, isto é, dados de épocas passadas – o uso em tempo real; ou dados atuais, relacionando-se as variantes à idade dos informantes – o uso atual como reflexo do uso passado e fonte dos usos futuros.

Nesse último caso, se uma mudança estiver em jogo, possivelmente haverá uma correlação significativa entre a idade dos informantes e o fenômeno estudado, mapeando-se diferenças nas freqüências das variantes entre falantes mais jovens e mais velhos de *uma mesma fatia sincrônica*, o que é conhecido como mudança em *tempo aparente*. O esperado é que a recorrência das variantes inovadoras aumente à proporção que diminua a idade dos informantes, do que resulta uma distribuição linear crescente: de um lado da escala, temos a faixa etária mais velha, com as freqüências de uso mais baixas ou mesmo com freqüência zero, e do outro a faixa etária mais jovem, com as freqüências de uso mais elevadas.

A possibilidade de estudo da mudança em tempo aparente depende da

validade do pressuposto de que o sistema lingüístico individual é estável, isto é, o vernáculo de um indivíduo de uma certa faixa etária permanece essencialmente o mesmo a despeito da passagem dos anos, o que permite que se compare a fala de pessoas de diferentes idades para observar diferentes estágios da língua. A hipótese, baseada na psicologia desenvolvimentista, é que a aquisição da língua é finalizada até o final da adolescência e se mantém estável pelo resto da vida, do que resulta que, ao analisarmos a fala de uma pessoa de setenta anos hoje, temos um reflexo do sistema que estava sendo adquirido por volta dos anos quarenta, ao passo que a fala de uma pessoa de cinquenta anos nos desvela os anos sessenta (cf. LABOV, 1994, 1981; SILVA; PAIVA, 1996).

Todavia, temos de ser cuidadosos ao assumir a perspectiva de análise da mudança em tempo aparente, pois o pressuposto de fixação do sistema lingüístico ao final da adolescência não é balizado em alguns casos. Exceções têm emergido de análises empíricas, envolvendo tanto mudança morfossintática quanto fonológica. Por essa razão, Labov (2001, p. 438) e Kerswill (1996, p. 179) alertam que a concepção de estabilidade do vernáculo após a adolescência talvez precise ser revisada ou ao menos relativizada à cada situação de variação. Adultos em torno de trinta a quarenta anos aparentemente perderam grande parte da habilidade de mudar seu sistema lingüístico, mas ainda assim não se pode afirmar que possuam um sistema rígido e imutável.¹⁰ Quando os adultos modificam seus vernáculos, acompanhando *pari passu* a evolução lingüística na comunidade de fala, a mudança não pode ser detectada por meio de uma metodologia de tempo aparente, pois as frequências de distribuição das inovações serão semelhantes ao longo das faixas etárias, ao invés de mais intensas entre os jovens (ou seja, não há uma distribuição linear crescente). Na grande maioria dos casos de mudança já estudados isso não ocorre, mas as exceções exigem cautela por parte do analista, que não deve se conformar a evidências unicamente derivadas da distribuição etária.

Urge mencionar que duas interpretações podem ser dadas para casos de distribuição etária linear crescente: a já discutida mudança em tempo aparente e a gradação etária (*age-grading*). Neste segundo caso, não há mudança, mas sim um tipo de variação estável¹¹ caracterizada pelo fato de

¹⁰ Tomemos um exemplo. Modelos de mudança sonora definiram o período final para a estabilização fonológica do sistema lingüístico como ocorrendo aos dezessete anos de idade. Contudo, Norberg e Sundgren (1998 apud LABOV, 2001, p. 447) observaram que, no caso de algumas variáveis fonológicas, adultos jovens continuavam a avançar a mudança no início dos vinte e mesmo trinta e quarenta anos.

¹¹ A gradação etária é um tipo de variação estável, mas não o único. É possível, por exemplo, que, em situações de estabilidade, os grupos etários usem as variantes com frequência similar, não havendo uma distribuição linear, padrão que pode se manter idêntico com o passar das décadas e mesmo séculos (cf. LABOV, 2001).

que os indivíduos mudam seu comportamento lingüístico durante a vida, mas a comunidade como um todo não é afetada por essa mudança. É o caso da gíria, por exemplo: os mais jovens usam mais, o que não significa que a quantidade de gíria vá aumentar diacronicamente entre a população. À medida que os jovens amadurecem, ao invés de manterem esse traço, abandonam-no, o que faz com que sua taxa mantenha-se constante na comunidade (LABOV, 1994, p. 353). Diferentemente, nos casos de mudança em curso, indivíduos estáveis carregam sempre consigo uma dada taxa de uso das variantes – maior a cada geração de falantes –, o que resulta em mudança lingüística com o passar do tempo.

Portanto, se obtivermos uma distribuição linear crescente dos seqüenciadores retroativo-propulsores relativamente aos micro-cosmos etários da comunidade de fala florianopolitana, temos de considerar as duas possibilidades explanatórias: mudança em tempo aparente ou gradação etária. Mas como diferenciá-las, se ambas apresentam distribuição linear crescente? Novamente, a solução é não se conformar apenas a evidências provindas da distribuição etária, e sim recorrer a diferentes métodos e fontes.

3 Idade: o caminho da mudança

Em razão da existência de modificações nas relações sociais ao longo das histórias de vida dos seres humanos, a idade influi sobre uma variedade de manifestações comportamentais de um indivíduo, incluindo-se aí o uso da língua. Busquei propor, no conjunto de 48 informantes que, nesta pesquisa, representam a comunidade de fala de Florianópolis, recortes no contínuo etário que fossem consoantes a diferentes etapas de vida. Contemplo, então, quatro faixas etárias: de 09 a 12 anos (crianças ou pré-adolescentes, em pleno processo de alinhamento a um grupo de amigos); de 15 a 21 anos (envolvimento em grupos adolescentes, finalização da escolarização secundária e orientação ao grupo de trabalho mais amplo e/ou universidade); de 25 a 45 anos (emprego regular e/ou responsabilidades familiaridades); acima de 50 anos (diminuição da força de trabalho e aposentadoria).¹²

É no período da adolescência (ou já na pré-adolescência) que os indivíduos comumente sentem necessidade de, por um lado, distinguir-se dos adultos e, por outro, aproximar-se de companheiros da mesma idade ou um pouco mais

¹² Embora a faixa etária 'de 25 a 45 anos' seja bastante ampla, a maioria dos informantes que a integram se encontra entre 34 e 45 anos (nove informantes do total de doze), o que minimiza eventuais envieasamentos que uma faixa etária abarcando indivíduos de idades tão diferentes pudesse causar.

velhos. Nesse processo de busca da identidade, formas já existentes na região podem ser tomadas como marcas identitárias, havendo predileção por aquelas que fogem à língua padrão/culta. Dois dos seqüenciadores sob enfoque – *aí* e *daí* – costumam ser considerados de menor *status*, isto é, trata-se de conectores que não fazem parte do conjunto de formas pertencentes à língua padrão/culta. Sua utilização é, provavelmente, influenciada por tal avaliação negativa: *aí* e *daí* devem ser mais recorrentes na fala dos indivíduos mais jovens, de 09 a 12 anos (pré-adolescentes) e de 15 a 21 anos (adolescentes), ao passo que os indivíduos de mais idade devem dar preferência para *e* e para *então*, os quais não são considerados conectores de menor *status*.

Subjacente à relação entre períodos de vida e o uso de formas de *status* inferior, está outra razão pela qual podemos esperar uma maior recorrência do *aí* e do *daí* na fala dos menores de 21 anos: são esses indivíduos que tendem a utilizar formas inovadoras como marcas típicas do grupo de pares. Os itens lingüísticos que sofrem “discriminação” são, em geral, mais novos em relação a outras opções tidas como mais “corretas” – e por isso mesmo considerados como de menor valor. Destarte, as formas tomadas como marcas identitárias pelos pré-adolescentes e/ou adolescentes apresentam, comumente, duas propriedades correlacionadas: são relativamente recentes e, em decorrência, possuem baixo *status* no mercado lingüístico – como o *aí* e o *daí*. Tais formas podem estar envolvidas em um caso de gradação etária, tendo sua freqüência diminuída quando os indivíduos se tornam adultos, ou em um caso de mudança em progresso, em que a experiência de cada geração mais jovem faz a mudança avançar.

Minha hipótese é que o aparecimento das camadas/variantes mais recentes, *aí* e *daí*, deve aumentar à proporção que diminui a idade dos informantes. Se *aí* e *daí* têm tido avanços, em termos de freqüência, na fala dos indivíduos com menos de 21 anos, possivelmente *e* e *então* apresentam, como contraparte, freqüência reduzida na fala de tais indivíduos: a opção maior seria pelas formas mais novas e de menor *status*, possivelmente adotadas como marcas de identidade. Essa opção pode levar à mudança lingüística, no sentido de *aí* e de *daí* virem a ocupar pouco a pouco o espaço de *e* e de *então*.

Vejamos os resultados na Tabela 1:¹³

¹³ Os dados foram submetidos a tratamento estatístico através do pacote VARBRUL (PINTZUK, 1988), para cálculo de freqüências, percentuais, pesos relativos e identificação da ordem de significância dos grupos de condicionadores testados (cinco lingüísticos e três sociais, dos quais este estudo apresenta resultados apenas para o grupo “idade”). Realizei rodadas binárias distintas para cada conector, além de rodadas eneárias, que confirmaram os resultados das binárias.

IDADE	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
09 a 12 anos	300/1.146	26	0,39	144/1.146	13	0,24	686/1.146	60	0,91	16/1.146	01	0,12
15 a 21 anos	479/1.064	45	0,51	310/1.064	29	0,64	161/1.064	15	0,64	114/1.064	11	0,36
25 a 45 anos	488/1.113	44	0,52	290/1.113	26	0,60	29/1.113	03	0,21	306/1.113	27	0,74
+ de 50 anos	523/977	54	0,59	182/977	19	0,40	14/977	01	0,13	258/977	26	0,77
TOTAL	1.790/4.300	42		926/4.300	22		890/4.300	21		694/4.300	16	
	3º selecionado			6º selecionado			1º selecionado			1º selecionado		
	Input: .43 Sig: .002			Input: .19 Sig: .015			Input: .20 Sig: .005			Input: .15 Sig: .000		
	Log-likelihood: -2179.259			Log-likelihood: -1852.120			Log-likelihood: -1284.763			Log-likelihood: -1285.255		

Tabela 1: Influência da idade sobre o uso de *e*, *aí*, *daí* e *então*.

E tem uso mais restrito apenas entre os pré-adolescentes, sendo responsável, nas demais faixas etárias, por 45 a 54% das ocorrências de seqüenciação em Florianópolis (com pesos relativos de 0,51 a 0,59). *Aí* predomina na fala dos adolescentes, mas também é opção recorrente por parte dos indivíduos de 25 a 45 anos. Quanto ao *daí*, verifica-se uma acentuada polarização entre os pesos relativos de 0,91/0,64 e 0,21/0,13, atribuídos a pessoas com menos de 21 anos e a pessoas com mais de 25 anos, respectivamente. Ou seja, falantes mais jovens tendem largamente ao uso do conector, enquanto falantes mais velhos inclinam-se fortemente a seu desfavorecimento. Os grupos que mais fazem uso do *então* são aqueles referentes a indivíduos maiores de 25 anos. Em oposição, indivíduos com menos de 21 anos o repelem intensamente.

Portanto, as hipóteses propostas para a influência da *idade* sobre o uso da seqüenciação foram confirmadas: os conectores mais novos e de menor *status*, *aí* e *daí*, estão associados aos falantes mais jovens, ao passo que os mais antigos e não estigmatizados, *e* e *então*, estão associados aos falantes mais velhos. As exceções são a inesperada alta freqüência do *aí* entre os indivíduos de 25 a 45 anos e a sua baixa freqüência entre os pré-adolescentes.

Uma vez que foi constatada uma correlação significativa entre a idade dos informantes e o uso de *e*, *aí*, *daí* e *então*, a possibilidade de que uma mudança esteja em curso é grande: *daí* está ocupando um espaço maior no domínio da seqüenciação a cada geração considerada. Esse fenômeno é discutido na próxima seção.

O gráfico a seguir permite uma comparação entre os pesos relativos atribuídos a *e*, *aí*, *daí* e *então* (cf. Tabela 1):

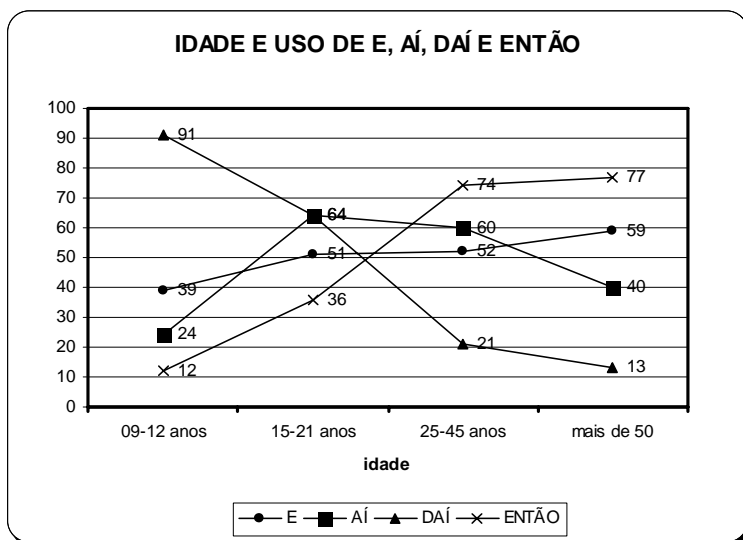


Gráfico 1: Idade e uso de *e*, *aí*, *daí* e *então* - Florianópolis.

4 Um caso de mudança em tempo aparente?

Estudos em busca da mudança em tempo aparente como o aqui realizado, ao obterem um perfil gradiente quanto à estratificação etária, defrontam-se com duas possibilidades de interpretação:

(i) Gradação etária (*age grading*): indivíduos móveis numa situação estável, isto é, os indivíduos mudam seu comportamento lingüístico durante a vida, mas a comunidade como um todo não é afetada. Nesse caso, um comportamento lingüístico se repete a cada geração, de modo geralmente regular e previsível, como marca de um estágio de maturação, caracterizando uma situação de variação estável. A entrada na fase adulta é acompanhada por uma queda drástica no uso das formas identitárias socialmente desvalorizadas.

(ii) Mudança em tempo aparente: indivíduos estáveis numa situação móvel, isto é, os indivíduos permanecem estáveis, carregando sempre consigo uma dada taxa de uso das variantes – maior a cada geração de falantes –, o que resulta em mudança lingüística comunitária com o passar do tempo.

A mudança lingüística geralmente avança em progressão geracional: uma camada/variante que ocorre com baixa freqüência na fala dos idosos ocorre com mais freqüência na fala dos adultos e mais ainda na fala dos jovens.

A explicação fornecida para o elo entre juventude e mudança inspira-se nas transformações sofridas pelas relações sociais ao longo da história de vida do indivíduo. Na pré-adolescência e na adolescência, os falantes estão, respectivamente, iniciando e dando continuidade à sua transição para o individualismo, passando por uma etapa movimentada, turbulenta e longa, a qual, nas sociedades industrializadas, pode ultrapassar a faixa dos 20 anos. (CHAMBERS, 1995) Esses falantes, ao mesmo tempo em que buscam uma identidade que marque sua separação em relação aos mais velhos, necessitam de ligação com seus pares, como compensação pela perda da segurança do grupo domiciliar. Daí advêm duas forças – distinção em relação aos mais velhos e solidariedade com os pares – que se combinam, fazendo com que, sociolinguisticamente, indivíduos pertencentes às faixas etárias em questão sejam o ponto focal para a mudança: ao tomar itens lingüísticos particulares como marcas de identidade, tendem a super utilizá-los, acelerando a disseminação das camadas/variantes inovadoras e/ou estigmatizadas entre seus pares e entre indivíduos ainda mais jovens, contribuindo para a evolução da mudança.

Diferentemente do que acontece no fenômeno de gradação etária, as inovações incorporadas ao vernáculo e super generalizadas pelos falantes mais jovens podem rotinizar-se como parte de sua gramática e prosseguir com eles pelo resto da vida, e são passíveis de sofrer aceleração ainda maior por parte das gerações posteriores, o que resulta em alterações progressivas na gramática da comunidade de fala. É possível que, com o tempo, as formas tomadas como marcas de identidade atinjam a comunidade de fala como um todo, suplantando eventuais camadas/variantes mais antigas com as quais competiam, em um processo que pode chegar até a extinção destas últimas.

Inicialmente, analiso os resultados apresentados na Tabela 1 à luz da hipótese de mudança em tempo aparente. Quando uma mudança está em andamento, considerando-se o comportamento de diferentes gerações de falantes, comumente obtém-se uma distribuição linear *gradiente*: (i) crescente, no caso de implementação de uma forma lingüística (os indivíduos mais jovens usam-na cada vez mais); ou (ii) decrescente, no caso de desaparecimento de uma forma (os indivíduos mais jovens usam-na cada vez menos). Tal é o que se verifica, em Florianópolis, no caso do *e* (que tem seu uso diminuído de 54% na faixa mais velha para cerca de 45% nas faixas intermediárias e para 26% na faixa mais jovem) e do *aí* (que tem seu uso aumentado de 19% na faixa mais velha para cerca de 28% nas faixas intermediárias, embora esse acréscimo de uso seja interrompido na faixa mais jovem, com apenas 13% de ocorrência). Contudo, não é o que se verifica no caso do *daí* e do *então*. O primeiro sofre um aumento gradual entre a faixa etária mais velha e a de 25 a 45 anos (de 01

a 03%), mas tem dois grandes avanços de uso nas faixas mais jovens (de 03 a 15% e de 15 a 60%). O segundo sofre uma diminuição gradual entre a faixa etária mais velha e a de 25 a 45 anos (de 77 a 74%), mas tem dois grandes recuos de uso nas faixas mais jovens (de 74 a 36% e de 36 a 12%).

No entanto, esses picos mais intensos de uso ou desuso não colocam em cheque a possibilidade de estar em curso uma mudança no domínio de seqüenciação sob enfoque. Labov (2001) modificou sua proposta de que a existência de uma distribuição linear crescente ou decrescente envolvendo todas as faixas etárias seria indício de mudança lingüística em tempo aparente (cf. Labov, 1972, 1981). Como vários estudos têm constatado a existência do uso intenso de formas inovadoras por indivíduos com idades em torno de dezesseis a vinte anos, Labov acredita que, nos casos de mudança lingüística, deva haver um *pico de uso* no período final da adolescência, ao qual se segue a diminuição constante do uso das formas inovadoras à medida que aumenta a idade dos informantes (ou seja, a distribuição linear crescente ou decrescente parece ocorrer somente a partir das faixas adultas), e ao qual precede um uso ainda elevado, mas menor, das formas em questão, por parte dos indivíduos com menos de dezesseis anos.

Como contraparte ao pico de uso das inovações, podemos esperar um pico de desuso, entre os adolescentes, das camadas/variantes mais antigas. No caso da seqüenciação em Florianópolis, as formas mais antigas, *e* e *então*, parecem estar perdendo porções do território a cada geração, o que é evidenciado pela distribuição etária decrescente: quanto mais jovem os falantes, menor a utilização do *e* e do *então*. Contudo, a retração do uso do *e* acontece de modo mais suave que a do *então*: *e* possui freqüência de 54% e peso relativo de 0,59 na faixa dos informantes com mais de 50 anos, que diminuem para cerca de 45% e 0,52 nas faixas intermediárias e, em uma redução mais brusca, para 26% e 0,39 na faixa mais baixa. Dessa guisa, verifica-se, para o *e*, a existência de um declive maior de desuso apenas na fala dos pré-adolescentes.

Já o *então* sofre duas quedas bruscas em termos de freqüência e de peso relativo, passando dos cerca de 27% e 0,75 atribuídos aos informantes com mais de 25 anos aos 11% e 0,36 atribuídos aos informantes de 15 a 21 anos e, finalmente, aos 01% e 0,12 atribuídos aos informantes de 09 a 12 anos. Ou seja, os desenvolvimentos do *então* em termos geracionais apresentam um pico de recalque de uso que se inicia entre os adolescentes e se acentua entre os pré-adolescentes, como se estes tivessem sido afetados pela “aversão” ao conector demonstrada por seus irmãos e/ou amigos mais velhos e a tivessem intensificado ainda mais.¹⁴

¹⁴ Labov (2001) afirma que a aquisição lingüística é, em grande parte, uma transmissão de traços fonéticos e morfossintáticos de núcleos adolescentes e pré-adolescentes

E quanto a *ái* e a *daí*? A distribuição do *ái* pelas três faixas etárias mais velhas caracteriza-se por um aumento de frequência acompanhando a diminuição da idade dos florianopolitanos: de 19% entre os indivíduos com mais de 50 anos a 29% entre os adolescentes. Configura-se, portanto, uma distribuição linear crescente que poderia ser interpretada, a despeito de um pico mais intenso de uso, como indício de mudança gradual em curso, no sentido de que as gerações vindouras optariam cada vez mais pelo *ái* como marca da seqüenciação. Contudo, os resultados para o grupo mais jovem, de 09 a 12 anos, frustram essa interpretação: a utilização do conector sofre uma grande contração, passando da frequência de 29% e do peso de 0,64 referentes à faixa anterior, para 13% e 0,24.

Silva e Macedo (1996), com base em dados de informantes cariocas, analisaram a influência da idade sobre o uso do *ái* e concluíram que, quanto mais jovem o falante, maior é o uso do conector em questão. Os pesos relativos atribuídos a cada uma das faixas etárias consideradas foram: de 7 a 14 anos = 0,70; de 15 a 25 anos = 0,60; de 26 a 50 anos = 0,40; mais de 50 anos = 0,30. Foi obtida, portanto, uma distribuição linear crescente: o aparecimento do *ái* aumenta à medida que diminui a idade dos informantes. Ou seja, no Rio de Janeiro, o *ái* parece não ter tido interrompida sua trajetória de aumento em progressão geracional, ocupando o conector mais e mais terreno no domínio da seqüenciação a cada novo grupo etário.

Em Florianópolis, entre os indivíduos de 15 a 21 anos, a frequência do *ái*, de 29%, já é a segunda maior (nessa faixa etária, ele perde apenas para o *e*, com 45%), e o peso relativo, 0,64, é semelhante ao atribuído à faixa etária correspondente no estudo de Silva e Macedo (indivíduos de 15 a 25 anos), 0,60. Se o processo de incremento de uso a cada nova geração tivesse tido continuidade em Florianópolis, o *ái* poderia ter sido conservado, na fala dos pré-adolescentes, como uma das formas detentoras da maior parte do território da seqüenciação. Nesse caso, talvez apresentasse um peso relativo similar ao do *ái* carioca no grupo de 7 a 14 anos (0,70). Contudo, no grupo florianopolitano correspondente (de 09 a 12 anos), uma das camadas/variantes – a mais recente – aparece atirando para todos os lados e tomando espaço dos demais seqüenciadores.

mais velhos a mais jovens, sobrepondo-se à base lingüística transmitida pelos pais. A transmissão da mudança acontece no processo de transmissão da língua, em uma trajetória constante e regular de inovações que são adicionadas ao vernáculo adquirido dos pais. Cada criança reflete o nível de sua aquisição inicial (do que lhe foi transmitido pelos pais), acrescido de alterações advindas do contato com irmãos e outras crianças mais velhas na comunidade local. Há, portanto, pequenos incrementos constantes nas gramáticas individuais: a experiência de cada grupo mais jovem faz a mudança avançar, afastando-se ligeiramente do nível alcançado pelos falantes um pouco mais velhos.

O uso do *daí* para sinalizar a seqüenciação entre informações é raro entre os florianopolitanos com mais de 50 anos, com freqüência e peso relativo diminutos: 01% e 0,13. Ocorre uma pequena elevação entre os adultos: 03% e 0,21. Na faixa representando a geração seguinte, de 15 a 21 anos, há um pico de uso, em comparação com as duas faixas anteriores: 15% e 0,64. Surpreendentemente, surge um pico de uso ainda maior entre os pré-adolescentes: 60% e 0,91. Parece que os adolescentes de Florianópolis adotaram o *daí* como marca identitária e o transmitiram a falantes cada vez mais jovens, até haver uma explosão de uso entre os pré-adolescentes. É interessante observar que a freqüência do *daí* na faixa mais jovem é superior até mesmo a do *e* na faixa dos informantes com mais de 50 anos (54%), a segunda maior freqüência de um dos seqüenciadores em relação aos grupos etários (cf. Tabela 1).

Cumpramos ressaltar que Labov (2001) prevê que os picos de mudança acontecem na fala de indivíduos no final da adolescência (até cerca de 20 anos de idade). No caso da seqüenciação em Florianópolis, tal não se verifica: os maiores picos de uso e de desuso de *e*, *aí*, *daí* e *então* encontram-se na faixa etária de 09 a 12 anos, e não na faixa de 15 a 21 anos.¹⁵ As razões que motivam os indivíduos, na pré-adolescência, a super generalizarem formas inovadoras e de baixo *status* devem ser as mesmas que motivam os adolescentes. Atualmente, as pessoas de 09 a 12 anos já estão em uma fase de busca e afirmação da identidade, procurando distinguir-se dos pais e aproximar-se do grupo de pares. Nesse processo, podem adotar formas lingüísticas como marcas identitárias, reforçando um modo de falar “jovem”, em oposição a um modo de falar “adulto” (ou “velho”), do qual querem marcar distanciamento.

Podemos interpretar os resultados elencados na Tabela 1 como significando que o *aí* tomou um pouco do espaço do *e* entre os adultos (a freqüência daquele aumentou, a deste diminuiu) e outro tanto do *e* e do *então* entre os adolescentes. No entanto, a mudança em direção ao predomínio do *aí* na seqüenciação florianopolitana foi interrompida em razão da super disseminação do *daí*. Entre os adolescentes, o *daí* parece estar ocupando o espaço outrora pertencente ao *então* (a freqüência daquele eleva-se intensamente, e a deste reduz-se em proporção semelhante). Entre os pré-adolescentes, a situação se agrava e tem lugar um golpe de misericórdia: com apenas 16 dados, o *então* não passa de um “resquício de épocas passadas”, em comparação com sua forte recorrência na fala dos indivíduos com mais de 25 anos.

É também na fala dos pré-adolescentes que o terreno do *aí* é invadido,

¹⁵ É possível que, se tivesse sido levada em conta uma faixa etária de indivíduos ainda mais jovens (de 03 a 05 anos, por exemplo), a existência dos picos de uso na fala pré-adolescente fosse mais ressaltada. Por hipótese, haveria um decréscimo do uso do *daí* entre essas crianças que, por sua pouca idade, possuem elos de ligação mais fortes com os pais do que aquelas que já são pré-adolescentes.

sofrendo o conector uma intensa retração de uso (de um peso relativo de 0,64 a um de 0,24), e que até o *e* é atingido, tendo sua freqüência reduzida quase que à metade em relação à faixa etária anterior, e obtendo seu único peso relativo desfavorecedor no grupo de fatores *idade*. O *e* reinava no domínio da seqüenciação, como a conjunção mais freqüente em todas as faixas etárias, até enfrentar o *daí* na fala florianopolitana pré-adolescente e ser derrotado.

Todavia, o maior atingido pelo super avanço do *daí* parece ter sido o *então*, cuja evolução reflete, como imagem de espelho, a do *daí*: o pico de uso – altíssimo – do *então* acontece entre os falantes adultos e com mais de 50 anos e o do *daí* – ainda mais alto – entre os falantes adolescentes e pré-adolescentes. À medida que a utilização do *daí* aumenta, a do *então* diminui. Observem-se as linhas traçadas para ambos no Gráfico 1: quase uma imagem de espelho...

Enfim, podem ser tomados como indícios de que uma mudança está em andamento na fala de Florianópolis: (i) o aparecimento intenso da forma mais inovadora da seqüenciação (*daí*) entre os adolescentes e, especialmente, entre os pré-adolescentes – um pico de uso –; (ii) o quase desaparecimento de uma das formas mais antigas (*então*) nas mesmas faixas etárias – um pico de desuso –; (iii) o fato de que os dois grupos adultos apresentam uma distribuição linear decrescente para o *daí* e crescente para o *então* (a freqüência do primeiro diminui com o aumento da idade dos informantes, e a do segundo aumenta), consoante previsto por Labov (2001) para casos de mudança. Já o *aí*, descontando-se o grupo mais jovem, parece passar por uma mudança menos vigorosa, pois, embora seja constatada uma queda mais acentuada entre as faixas de 25 a 45 anos e mais de 50 anos, o uso do conector diminui gradualmente entre os adolescentes e adultos. A mudança para o *e* também parece ser mais suave, havendo um decréscimo de uso gradual com a diminuição da idade dos informantes e apenas um salto mais brusco, entre a faixa etária de 15 a 21 anos e a de 09 a 12 anos.

É possível que os hoje pré-adolescentes florianopolitanos tenham diminuída a taxa de recorrência do *daí* em sua fala à medida que amadurecerem. Conforme Labov (2001), é esperado que ocorra, nos processos de mudança, após o pico de uso da forma inovadora, uma retração de seu aparecimento: ela é incorporada, ainda com índices de grande freqüência, à gramática dos falantes do grupo em que teve seu uso fortemente acelerado, mas passa a recorrer menos, em comparação com a fase de pico de uso. Assim, a mudança adquire matizes não tão radicais e sim uma maior gradualidade: passa a haver uma distribuição linear crescente entre faixas etárias adultas, agora ocupadas pelos mesmos indivíduos que levaram a forma inovadora a seu ápice. Esta poderá vir a derrotar as demais concorrentes com o passar do tempo, mas com uma menor velocidade do que a que seria prevista, considerando-se somente seu(s) estágio(s) de pico de uso.

Contudo, poderíamos considerar que os resultados expostos na Tabela 1

revelam não mudança em tempo aparente, mas sim gradação etária (*age-grading*), que também pode ter como reflexo a distribuição linear crescente. Nesse caso, o *daí*, tomado como marca identitária pelos adolescentes e pré-adolescentes florianopolitanos, seria pouco utilizado por eles como marca da seqüenciação nas fases posteriores da vida (a exemplo dos adultos de hoje, com taxas de uso de 01 a 03%): *daí* seria abandonado ou teria sua freqüência fortemente reprimida, como tipicamente acontece com a gíria.

Entretanto, acredito que o *daí* esteja sofrendo, atualmente, uma mudança da qual resultará como um dos articuladores que dividem a parte do leão da seqüenciação na comunidade como um todo e não somente entre os mais jovens, podendo mesmo se tornar o conector predominante, em termos de freqüência, no domínio da seqüenciação em Florianópolis.

Para tecer essa hipótese, confio no seguinte indício: o *daí* pode estar seguindo os passos do *aí*, que, como ele, migrou recentemente para o domínio da seqüenciação e nele está estabelecido como conector de grande recorrência (ao menos até ser atacado pelo *daí*, entre os pré-adolescentes), observada inclusive na fala dos florianopolitanos de mais de 50 anos. Nessa faixa, o *aí* representa 19% do total dos seqüenciadores utilizados, o que é um sintoma de que está na luta com boas freqüências desde as décadas de 40 e 50, acompanhando os falantes que, hoje com mais de 50 anos, na época eram crianças em fase de aquisição ou já adolescentes. Se o *aí* não foi abandonado, é provável que o *daí* não o seja.

Em um estudo anterior (TAVARES, 2004), apresento algumas evidências a respeito da distribuição sociolingüística do *aí* no final da primeira metade do século XX que confirmam a hipótese de que esse conector era utilizado com freqüência na codificação da seqüenciação retroativo-propulsora já naquela época. Nesse estudo, utilizei dados extraídos da fala dos personagens do romance *As Vinhas da Ira*, datado de 1940, tradução de *The Grapes of Wrath*, de John Steinbeck. Encontram-se em *As Vinhas da Ira* casos de variação em diferentes níveis lingüísticos, possivelmente em uma tentativa dos tradutores brasileiros de apresentar traços de oralidade de classes populares, à semelhança do original americano. Compus o grupo de fatores *idade* pela estratificação dos personagens do romance relativamente a quatro faixas etárias e interpretei os resultados como reflexos do uso real da comunidade de fala da época.¹⁶ Obtive a seguinte distribuição etária para o *aí*: de 09 a 12 anos = 13%; de 15 a 21 anos = 08%, de 25 a 45 anos = 06%; acima de 50 anos = 02%.

Se, como defende Labov, adquirimos grande parte da língua através de nossas experiências em situações de comunicação transcorridas da infância até o final da adolescência e tendemos a conservar por toda a vida os padrões

¹⁶ Encontra-se em Tavares (2004) uma discussão sobre o grau de confiabilidade que pode ser depositado em dados de variação lingüística provenientes de *As Vinhas da Ira*. Aí também pode ser conferida a distribuição dos demais seqüenciadores em relação à idade dos personagens.

lingüísticos conforme experienciados nesse período, a frequência de uso do *aí* no grupo mais idoso de Florianópolis (acima de 50 anos) deveria guardar semelhanças com sua distribuição na fala dos personagens de 09 a 12 anos do romance, que são aqui tomados como representando os pré-adolescentes da época em que o grupo de informantes florianopolitanos em questão estava na infância e/ou pré-adolescência. E é realmente similar a frequência de aparecimento do *aí* na fala dos pré-adolescentes do romance (13%) e na fala dos florianopolitanos com mais de 50 anos (19%). Portanto, temos aqui indicações de que o *aí* foi preservado na fala dos indivíduos a despeito de seu amadurecimento, não configurando, assim, um caso de gradação etária. O mesmo pode acontecer com o *daí*.

Além disso, é preciso considerar que o grande aumento de uso sofrido pelo *daí* em tempos recentes na comunidade de Florianópolis possivelmente trará implicações para o seu processo de gramaticalização. Quanto mais frequente é uma forma, maior o seu grau de penetração na gramática, uma vez que a representação cognitiva desta é afetada pelo contato do usuário da língua com repetidas instâncias de utilização no sentido em que *tokens* da experiência fortalecem os exemplares armazenados (PIERREHUMBERT, 2001; BYBEE; HOPPER, 2001). Sendo assim, a alta frequência do *daí* provavelmente contribuirá para que o conector seja conservado na gramática da comunidade, mesmo quando os jovens de hoje envelhecerem.

5 Considerações finais

O procedimento de análise de mudança em tempo aparente mostrou-se bastante significativo para este estudo sociofuncionalista do domínio da seqüenciação, pois permitiu antever soluções possíveis para a situação de estratificação/variação sob enfoque. Tais soluções estão relacionadas à gramaticalização de *e*, *aí*, *daí* e *então*, pois, ao estudar seu uso variável no plano da seqüenciação, analisou-se com maior refinamento aquela que é uma das etapas dos percursos de gramaticalização seguidos por cada uma dessas formas.¹⁷

A estratificação etária implicada na utilização de *e*, *aí*, *daí* e *então* como seqüenciadores na fala de Florianópolis aponta múltiplas possibilidades de rumos a serem seguidos pelo domínio: (i) o *daí* pode se fixar como o seqüenciador mais recorrente; (ii) o *então* e o *aí* podem desaparecer da fala florianopolitana (já que sua taxa de uso foi bruscamente encolhida na fala dos pré-adolescentes); (iii) *e*, *aí*, *daí* e *então* podem ser todos conservados como marcas da seqüenciação, mas cada um especializado para nichos específicos

¹⁷ Provenientes de fontes distintas, *e*, *aí*, *daí* e *então* chegaram à seqüenciação, mas sua odisséia não acaba aí: a partir de seus usos seqüenciadores, passaram a exibir outras funções, como a adversão e o preenchimento de pausa (cf. Tavares, 2003a).

(certos contextos lingüísticos e/ou sociais); (iv) *daí* pode ter sua frequência fortemente reprimida quando os falantes hoje adolescentes e pré-adolescentes se tornarem adultos, configurando, nesse caso, uma situação de gradação etária e não mudança geracional.

Todavia, somente um novo estudo, levado a cabo daqui a alguns anos, pode revelar qual dessas possibilidades de fato se concretizará. Enquanto esperamos, observemos o futuro sendo tramado:

F: Ele é chato. Ele fica- Ele- já passa uma- uma hora e ele fica lá conversando- (hes) conversando assim: “Onde que tu mora?” a onde- **Daí** não começa o jogo. (hes) Até onze horas que ele co- que ele faz o jogo, **daí** não dá, né? Não dá pra fazer as pessoas- as pessoas que são sorteadas, né? não vai dar, né? que- que são doze pessoas, né? É bastante, não dá tempo.

E: **E aí** o que acontece?

F: **Daí** ele fica conversando, daí- **daí** demora, né? pra fazer os- o jogo. É assim: é as perguntas- o Sílvio Santos faz as perguntas, né? que valem um mil, dois mil, três mil, até um milhão- um milhão de reais, até. **Daí** a hora que chega a do meio milhão, (hes) vem- que vem a resposta de um milhão- um milhão de reais, **daí** o Sílvio Santos coloca uma maletinha, a hora que fechar tem que dizer a resposta. Tem ou responder ou tem que parar, parar com meio milhão. **E** se errar, perde tudo, não ganha nem um real, nem um centavo (FR/FLP02C:32-33).¹⁸

Referências

- ANDROUTSOPOULOS, Jannis K. Grammaticalization in young people's language. The case of German. Disponível em <<http://www.rzuser.uni-heidelberg.de/~iandrout/papers/gramm.html>> Acesso em: 08 jun. 2000. 1999.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, Richard; JOSEPH, Brian (Eds). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.
- _____. HOPPER, Paul J. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul J. (Eds). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. p.01-24.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1995.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Vol.1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984.
- _____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- _____. **Syntax**. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- GUY, Gregory R. Form and function in linguistic variation. In: GUY, Gregory R. *et al.* (Eds). **Towards a social science of language**. Vol.1: Variation and change in language and society. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. p.121-252.

¹⁸ No exemplo, o entrevistador pertence a um grupo etário que, na comunidade de fala de Florianópolis, inclina-se ao uso do *aí* (de 25 a 45 anos), e interage com uma informante de 09 anos (pré-adolescente), que utiliza como principal marca de seqüenciação o *daí*.

- HOPPER, Paul J. Emergent grammar. **BLS**, v.13, 1987. p.139-157.
- _____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C; HEINE, Bernd (Eds). **Approaches to grammaticalization**. Vol.1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991. p.17-35.
- _____. TRAUGOTT, Elizabeth C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KERSWILL, Paul. Children, adolescence, and language change. **Language Variation and Change**, v.8, 1996. p.177-202.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.
- _____. What can be learned about change in progress from synchronic description? In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Eds). **Variation Omnibus**, Edmonton, Linguistic Research, 1981. p.177-199.
- _____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- _____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.
- NEVES, Maria Helena M. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v.15, n. Especial, 1999. p.71-104.
- NICHOLS, Joan. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**, v.13, 1984. p.97-117.
- PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: word frequency, and lexical analysis. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul J. (Eds). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. p.137-157.
- PINTZUK, Susan. **VARBRUL program**. Philadelphia: University of Pennsylvania. Impresso, 1988.
- SILVA, Giselle M. O.; PAIVA, Maria da Conceição A. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, Giselle M. O.; SCHERRE, Maria Marta P. (Orgs). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.335-378.
- _____. MACEDO, Alvira V. T. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira V. T.; RONCARATI, Cláudia N.; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p.11-49.
- TAVARES, Maria Alice (2003a) **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 307 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras, Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- _____. Condicionamentos lingüísticos e sociais sobre a seqüenciação de informações no português oral d' aquém e d' além mar: mudança em progresso? **SIGNUN: Estudos da linguagem**, Londrina, v.6, n.2, 2003b. p.219-251.
- _____. Reflexos da fala do Rio Grande do Sul em 1940: uma análise sociofuncionalista em “As Vinhas da Ira”. In: CRHISTIANO, Maria Elizabeth A., SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da. (orgs.). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia, 2004. p. 95-130.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (Eds). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p.97-195.